

Tua casa - P. Alex. Herculanó, R. X.º ^{do} Esq.º - 10 de
Julho 1935.

Meu querido Quartim:

Perdida a idea de que teria resposta - isto
pelo que se passara comigo e com ou-
tros - fácil foi perder a disposicão de
nututar correspondência - em que, em boa
verdade, talvez por preguiça, sou pouco
lado a afazeres desta ordem. Não se passa
nem meses e annos e com êles aconteci-
mentos - já não digo os de domínio de
toda a gente, mas os de carácter parti-
cular, alguns muito íntimos - sobre os
quais tão cuidadosa seria conversar com
um amigo a quem, mesmo longe, se não

deixa de extimar como se um irmão
muito querido.

A minha atitude, porém, já excede o
desculpável, e não seria preciso que minha
melhor - uma grande amiga tua, poder
criar - tornasse a resolução de, desde há
meses, quasi diariamente, me lembrar
o dever de te escrever, para deliberar vir
a teu encontro, vencendo assim, mais
uma vez, mas com que custo, um feitico
de que eu me sinto no meio, e de que
tu melhor, mas já sem tempo de me
curar...

Em primeiro lugar, por conseguinte, o
meu agradecimento muito sincero pelo
operecimento do teu livro, que tua esposa
teve a gentileza de nos vir trazer, por elle
se interessando logo tanto minha melhor

que, quando cheguei a casa, e tua esposa
na timba saído há boceado, a eu entrei,
entregue à sua leitura, com um entu-
siasmo que não exprime. O mesmo
eu fiz, e dentro de pouco tempo ambos
tínhamos sabreado, e dado desde logo a
sabrear os que nos ouviam, o bom
presente com que a tua velha amizade
e camaradagem me tinha sensibilizado.

Outros amigos e parentes o têm lido e
a todos têm gostado muito, embora ha-
ja já preferências, como é natural, gran-
dite às duas peças que souhithem o teu
livro. Para mim e para minha mulher,
todas ambas admiráveis e bem obra tua.

Outro assunto muito importante, com
o qual, porém, te não dou novidade,
foi o recital de tua filha na noite
de 11. P. P. Teha ambicão minha, de ex-
hiber-me de íntimos, entre os quais
o nosso José Carlos, em aguardar a certa
oportunidade; mas as circunstâncias,
felizmente, tornaram irreparável o que já

era uma ideia fixa; e, assim, não - esqueço,
por muito te queremos, muito quere-
mos também os teus - tivemos em
18 de maio que, ficando nos regintos
da 16.ª P.ª como uma excepcional noite
de arte, ficou no nosso pensamento co-
mo uma gratíssima recordação.

A tua filha, na opinião de pessoas
competentes que lá levamos, conduziu-
-se com muita correção, satisfagan-
do até aqueles que têm autoridade
p.ª julgar.

Um velho amigo, embora não agree
em se pôr em 2.º lugar - em 1.º lugar
pôs-se no Adolfo, que me confessa,
e todos o admiram, o prazer com que
colaboraria, se outras razões o não
impedirem - um velho amigo, o
Emílio, em "duas palavras" aludiu ao
significado da comemoração, não
se esquecendo do querido ausente.

Tu já tiveste notícia do facto, para
que se torne preciso escrever mais tarde

ele, e eu só tive agora o propósito de ⁽³⁾
acentuar o que foi para nós, este
ano, a comemoração do "Dia da Paz".

Estranho seria que nesta minha pri-
meira carta depois da morte de José
Calvo eu não falasse dele com saui-
dade, muito devendo lamentar os que
foram seus amigos o triste fim que o
degradação teve. Morreu de doença, sim,
e depois de muito sofrimento físico;
mas não poucas contribuiu para lhe
rembar as últimas resistências e debru-
çados no proceder da mulher - uma fera
revelada ao fim de 20 anos de casada -
que o levou a sair de casa - ele com a
filha em busca de algum descarrido
de espíritos.

Seigo de trabalhar como antes,
nas vésperas de morrer, já desiludido
quanto à possibilidade de levar a cabo
o plano da série de conferências sobre
"O homem no Universo", ele que passou
o último tempo sem poder ir a qualquer

e numa cadeira veio a morrer, na
minha presença e na do Botelho, além
da família, aproximava-se da morte.
Tavia, quando o podia fazer, a achava
tar as conferências que tinha em
mão e que ainda esperava fazer. Che-
gou a dizer 9 e deixou esboços mais
9, se me não enganar; uma delas, f-
como que a reatar - "Ciência e Deu",
ele veio dizer a minha casa, p. eu t-
permeitar a existência de envoltos a
que ameaçavam seguir e de um
sociação que já pouco podia.

Tanto-tanto! - havia que dizer sobre q-
tudo isto que dava p. um saber. a
A triste realidade é que perdemos um
amigo - que também o era teu e uni-
to - e a causa educativa um obreiro
devotíssimo.

Mas é tempo de falar de ti e só de ti,
que é a coisa que agora mais me
interessa, ou, antes, mais nos interessa.

Arrestando pelos teus repressos, levámos
a a perguntar grandes coisas, e,
ultimamente, já alimentávamos a
esperança de que, em breve, te teria-
mos entre nós.

Infelizmente, porém, a impossibili-
dade de contares com a certeza de
ficares lançou-te numa hesitação
com a qual muito estás exposto a
tua família, e não falo agora nos
amigos, que nada valem perante o que
lá.

Comprange ver o desânimo em
que já encontramos a tua esposa e
a tua filha, estás com quem não fa-
cemos — eu e minha mulher. Lembre-
te com a tua hesitação e talvez tenhamos
que a achar cruel, porque a verdade
é que, se heitas em vir, p. não sofre-
res a dor da volta para cá (se inevitá-
vel), porque não a sofreres tu — a tua
dor — aos teus belos fracos que elle
terás que ver? depois, em boa verdade

se, porque perderes uma esperança
que só a tua presença aqui pôde
e deve alimentar? Então que há?

A pouca coragem sem que con-
tas... Mas o sentir dos que dei-
xaste aqui, pensando constantemente
te em ti, contando os dias que fal-
tam para em que nunca chega?...

Pensa bem, e talvez não devas pro-
ceder assim. Se a beleza da vida está
nos dias, dá-te mais uma vez.

Depois, tão preciso tu és aqui!...

Um pai com filhos em formação,
quando mesmo substituído por
uma mãe zelosíssima, exemplo de
virtudes, precisa rondar; e isso não
menos virias fazer.

A docilidade da tua filha, o seu
excelente pensar, põem-na fora de
qualquer preocupação. Mas o teu
filho, precisamente porque feito à tua
semelhança e ainda bem, precisa de
ti. Certos conselhos, palavras de pur-

5
dências, na boca da mãe parecem
expôz. Os pais souberam mais
os rapazes, e daí a necessidade tam-
bém, neste caso, da tua presença.
Mas a final porque deixá-las?
porque não esperar fiar? Com um
go que não esqueceram as tuas qua-
lidades, o teu carácter, que sabiam
advogar quanto seria humano e jus-
to fazer com que pudessem fiar, por-
que não confiar? Compreendes
que, contigo aqui, com o dilema
posto, os esforços de todos teriam
um fôco que contigo aí não existe.

A propósito: o cor.º Bento Roma
teve nessa província uma situação
oficial importante, chegado a ser,
se bem me lembro, alto comissário
interino. Está aqui há tempo e é sub-
director do Instituto de Odiveiras, de
que ainda director o cor.º Ferreira Li-
mas. Bento Roma está casado em G.
nupcias com a filha de João Castanheira

de Moura, administrador da Compa-
nhia onde sou o empregado por todo
considerado e hoje até sou numa
situação de mais trabalho e de
maior responsabilidade. Pergunta:
conta aí que ele seja pessoa bem
relacionada com o governador de
Banco? Em qualquer caso, eu que
estou pouco habituado a contar com
go. Entaria junto do sogro o patro-
nis do genero para o teu caso, e que
creo que pelo menos não seria repeli-
do sem explicações que tivesse de acitar.

Perdoa-me, querido Evaristo, a mi-
nha impertinência; mas a um amigo
fala-se com o coração nas mãos,
e não é fácil medir as conveni-
cias quando se vê sofrer - e os teus
estás sofrendo moralmente, e não
pouco, com a tua ausência, que
já vai além do seu poder de resi-
stência. A saudade por ti já soffre
sem um abatimento que inquiete.
É necessário, e indispensável, que
lhes des a esperança de uma visita,

quando mais não fosse. Ela bem
saberá que não poderá contar com
a certeza de não voltar; mas se
essa dúvida te atormenta e te faz
hesitar, não esperas eles também
com ela? & todavia querem-te ver,
querem mitigar a solidão que tens.
Bem mereças, Martin, bem mere-
ciam os teus, melhor sorte; mas a
vida é cheia de provações, umas
mais dolorosas do que outras. Que-
reres é saber resistir-lhes.

Fala-te minha mulher no nosso
caso, participando-te a solução que
lhe pudemos dar no dia 13 de Abril
último. Muito tua amiga, como tam-
bem dos teus - e com que prazer se
verificas - ela que te tinha chamado
um dia para te contar tudo, falando
para a amiga que sabia servir-nos, te
ve empenho em te dar a novidade;
mas sente-se comprometida junto
de tua esposa, porque não sabe se terá
sido pouco leal para com ela, não
lhe dando a notícia que deu a outra
pessoa que conheceu a nossa situa-
ção. Tu dirás o que devemos fazer.

Leudo o que escrevi, fico presen-
ça com a má impressão com que fica-
rás a meu respeito. Afeto, porém,
para a tua boa amiga, com a cer-
teza de que a reflexão não só te le-
vará à resolução que se impõe,

mas também a desculpares o
amigo que, não obstante, não
sabe traduzir o que sente e
nem ainda interpretar, sabal-
mente, o sentir dos seus.

He' breve, pois! Entretanto, recebe
um estreito abraço do amigo, que
antes meus de pizar contigo
(tão velha é a minha amizade!)
já te estimava como mercia,
e recebe também as saudades de
minha mulher, por ela mesma
já conspurcada, e ainda as da mi-
nha Fernanda, hoje já casada com
um sobrinho em 1.º grau de um mu-
lher. Recebe também muitos beijos
daquela que me via chamar, e
ainda chama, o meu amorzinho
- Maria Carolina, já em vésperas
de fazer o exame do 2.º grau.

Fraternamente, se despe de de
ti, por hoje, o - repito -

Teu amigo e camarada
Augusto Carlos Robiquez.